

# O BRASIL PÓS-ELEIÇÕES: DINÂMICAS E PERSPETIVAS ECONÓMICAS

Jorge Arbache

Comentários de Alfredo Valadão



### Abstract

*No rescaldo das recentes eleições, o Brasil enfrenta desafios complexos. Após anos de forte crescimento, o país tem hoje uma das mais fortes indústrias emergentes e é um dos grandes exportadores de matérias-primas agrícolas e minerais, com importantes reservas de petróleo. Contudo, apesar de fortes investimentos públicos de melhoria das infraestruturas e o sucesso alcançado com a redução dos índices de pobreza, a economia brasileira mostra sinais de arrefecimento e o país é hoje palco de convulsões sociais com visibilidade acrescida pela realização da copa e dos jogos olímpicos. A mesa redonda incidiu na análise das dinâmicas económicas atuais e perspetivas de evolução*

In the aftermath of the recent elections Brazil faces complex challenges. After years of strong growth, the country has now one of the strongest emerging industries and is one of the major exporters of agricultural and mineral raw materials, with significant oil reserves. However, despite strong public investment to improve infrastructures and the success achieved with poverty reduction, the Brazilian economy is showing signs of slowing down - and the country is now the scene of social turbulence with increased visibility for having hold the World Cup and the Olympic Games. The round table focused on the analysis of current economic dynamics and development prospects

### SOBRE A PUBLICAÇÃO

Esta publicação deve ser citada como: *IMVF (2014); O Brasil Pós-Eleições: Dinâmicas e Perspetivas Económicas. Mesa redonda realizada em 5 de dezembro de 2014 com Jorge Arbache e com comentários de Alfredo Valadão, IMVF Debates 5/2014, Lisboa.*

Pode copiar, fazer download ou imprimir o conteúdo desta publicação [recomendamos a utilização de papel reciclado ou certificado]. Pode incluir trechos desta publicação nos seus documentos, apresentações, blogs e websites desde que a fonte seja mencionada.

A edição dos conteúdos foi feita por Marta Lima (Núcleo de Estudos Internacionais do ISCTE-IUL) e por Fernando Jorge Cardoso. O conteúdo desta publicação é da exclusiva responsabilidade dos editores.

Esta publicação é resultado de uma colaboração entre o Instituto Marquês de Valle Flor, o Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa e a Casa da América Latina.

Saiba mais sobre o IMVF em [www.imvf.org](http://www.imvf.org)

## ÍNDICE

<b>1. RESUMO DA MESA REDONDA</b>	<b>4</b>
<b>2. NOTA BIBLIOGRÁFICA</b>	<b>16</b>

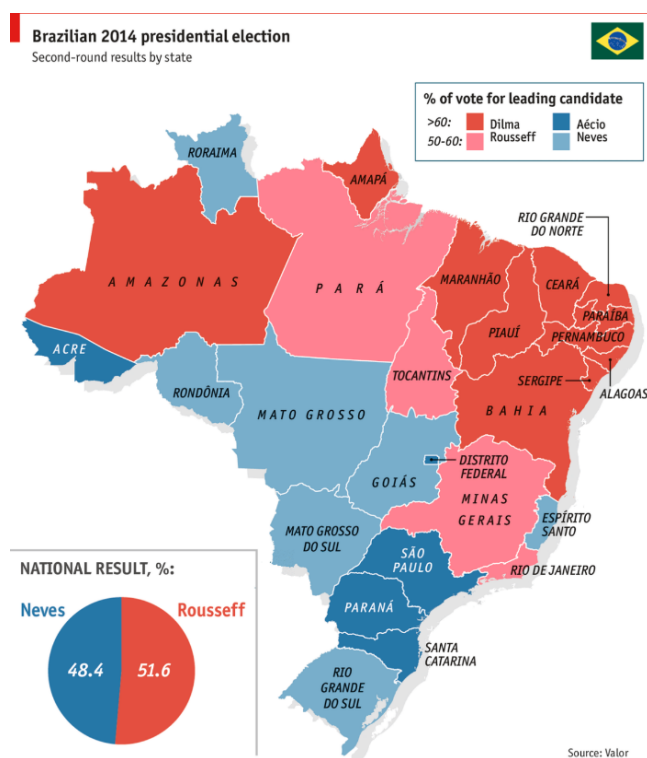


Figura 1: Resultados das eleições

## 1. RESUMO DA MESA REDONDA

### O resultado das eleições

Na sua intervenção inicial Jorge Arbache destacou o resultado das eleições presidenciais do Brasil, ocorridas em outubro de 2014. A campanha eleitoral foi altamente disputada, inicialmente entre Dilma Rousseff, Marina Silva e Aécio Neves e, na segunda volta, entre Aécio Neves (PSDB) e Dilma Rousseff (PT). Vários intelectuais apontam para estas eleições como as mais disputadas da história do Brasil pós-ditadura e foram também as que registaram maior polarização em torno de dois candidatos. A vitória alcançada por Dilma Rousseff foi bastante apertada, com a nova presidente a conquistar 51.6% dos votos e Aécio Neves 48.4%. Os resultados espelham, a nível regional, uma divisão do país. É importante ainda salientar que a região mais pobre do Brasil, a região Nordeste, votou favoravelmente em Dilma. O mesmo fez o Estado de Aécio Neves. Embora Neves tenha deixado o seu Estado com a maior taxa de aprovação – inclusive da oposição –, quando chamado às urnas Minas Gerais optou por Dilma. Quando os resultados são analisados a nível distrital,

torna-se mais complexo pois é visível um certo equilíbrio nas votações. A vitória apertada de Rousseff pode ter um lado positivo, possibilitando um maior diálogo e entendimento nos próximos quatro anos, como está espelhado no discurso proferido pela nova presidente, dizendo que “algumas vezes na história, os resultados apertados produziram mudanças mais fortes e rápidas do que as vitórias amplas. É essa a minha esperança. Ou melhor, a minha certeza do que vai ocorrer a partir de agora no Brasil”.

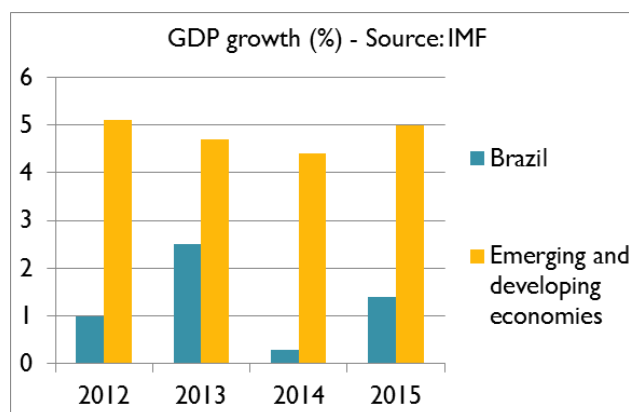
Tendo em conta o atual clima económico e social que se regista no Brasil, como é possível que o PT tenha saído vencedor das eleições? Jorge Arbache aponta três razões que podem ajudar a explicar esta situação. Em primeiro, é de salientar a baixa taxa de desemprego registada no Brasil (cerca de 4.9%) – em muito devido a reformas sociais levadas a cabo durante o governo que cessa agora funções, também ele presidido por Dilma Rousseff; em segundo lugar, o aumento dos salários reais, acima do crescimento do PIB, é outro fator que joga a favor de Rousseff; por último e a par disso, registou-se também uma queda da desigualdade de renda, o que levou a uma redução drástica da pobreza. Estes são trunfos

conseguidos por Dilma. A nova presidente traçou, logo após as eleições, as suas prioridades para os próximos quatro anos. Planeia levar a cabo uma extensa reforma política, tributária e burocrática, prevendo com isso melhorar a competitividade brasileira e, conseqüentemente levar o Brasil para o caminho do crescimento económico. No que diz respeito à reforma política, Dilma pretende acender o debate sobre o financiamento privado de campanhas, sobre o voto distrital e sobre o fim da reeleição. No campo tributário, é pretendido o fim das disputas fiscais entre Estados e, por outro lado, a simplificação e redução da carga tributária no país. A reforma burocrática tem como prioridade a simplificação das normas do país, tornando-o menos burocrático e mais apelativo ao investimento.

As reformas pretendidas por Dilma têm que ter em conta o perfil do futuro Congresso. Embora o Governo do PT conte com ampla margem de apoio no Congresso – 23 dos 28 partidos apoiam Dilma – esta é uma coligação bastante fragmentada do ponto de vista ideológico e programático. A maioria dos partidos perderam assentos no Congresso e, por exemplo, o PT conta com apenas 70 dos 504 lugares e o PSDB com 50 dos 504 lugares. É um Congresso com muitos partidos, mas com poucos assentos, o que se traduz numa maior fragmentação. Dilma depara-se ainda com um Congresso extremamente conservador, onde 256 congressistas são claramente favoráveis a uma agenda ruralista, dificultando as intenções de reformas políticas. Há ainda mais uma adversidade no caminho da presidente: a oposição é bastante poderosa, beneficiando da experiência política dos seus congressistas.

### Desafios Económicos

Dilma Rousseff depara-se, em 2014, com um Brasil com maiores desafios do que os de 2010. A economia brasileira deixou de crescer e é expectável que pouco cresça em 2015 e 2016, conforme ilustra o gráfico:



Jorge Arbache considera que a taxa apresentada no gráfico é superestimada, temendo que não chegue a 0.5%, do PIB *per capita*. Além disso, é preocupante o *gap* existente entre o Brasil e as restantes economias emergentes. O modelo de crescimento económico que orientava o Brasil desde 2000 (ainda sob a presidência de Lula da Silva) baseava-se no chamado *low hanging fruit*, ou seja, assentava no consumo, facilidade de obtenção de crédito e nos gastos públicos suportados por um *boom* das matérias-primas. A crise económica mundial de 2008 e a desaceleração do crescimento da China fez este modelo vacilar. Nos próximos anos, o crescimento económico brasileiro terá que provir de outras fontes, nomeadamente a maior produtividade e eficiência. Há ainda um paradoxo que Arbache habilmente explica. Como é possível que se registre, simultaneamente, uma baixa taxa de desemprego numa economia que não regista crescimento? É possível devido à combinação da transformação demográfica da sociedade brasileira e do *boom* no sector dos serviços, o qual representa 70% do PIB. Mas estas são também anomalias apontadas por Arbache. A economia brasileira não podia sofrer a transformação demográfica tão acentuada e rápida como sofreu (a taxa de fecundação atual no Brasil é mais baixa que a de França), o que levou a um decréscimo da população ativa. A par disso, é anómala a dimensão do sector dos serviços (70% do PIB), em especial quando se observa a sua baixa produtividade. A desindustrialização precoce é outra anomalia apontada por Arbache: em 1985, a indústria representava 36% do PIB brasileiro enquanto atualmente representa 12.9%. Além de uma desindustrialização precoce, a economia

## O BRASIL PÓS-ELEIÇÕES: DINÂMICAS E PERSPETIVAS ECONÓMICAS

brasileira sofreu também com a reprimarização das exportações (atualmente os produtos industriais representam 35% das exportações, em contraste com os 60% de anos anteriores).

### a) Desafios a curto prazo

O novo Governo, em especial, o novo Ministro da Fazenda Joaquim Levy, enfrenta vários desafios. A curto prazo, pretende-se que consiga restaurar a confiança dos mercados. É pretendido também que consiga estabelecer um controlo fiscal, com uma margem de manobra muito curta – o *superavit* primário de janeiro a setembro de 2014 foi de -0.52% do PIB enquanto devia ter sido de 2.5% do PIB (valores referentes ao período de janeiro a setembro de 2011). Levy já afirmou que pretende que em 2015 seja de 1.2% do PIB, conseguido essencialmente através da implementação de cortes na despesa. É também fulcral conseguir o controlo da inflação, que nos últimos 12 meses se situou em 6.75%, ou seja, acima das margens em que deveria operar. O controlo do défice da balança de pagamentos (nos últimos 12 meses situada em -3.7% do PIB) e a manutenção do grau de investimento conquistado nos últimos 15 anos são também desafios que se apresentam ao novo Ministro da Fazenda.



### b) Desafios a médio prazo

O aumento da produtividade, da competitividade e consequentemente do investimento no sector industrial são desafios de médio prazo que se colocam a Dilma no seu novo mandato. investimento estrangeiro. O sector dos serviços precisa de ser alvo de uma modernização, tornando-o mais eficiente e é necessário uma maior integração do Brasil na

economia internacional. No fundo, é fulcral fomentar a competitividade brasileira.

Perante tantos desafios, de onde virá o crescimento económico necessário no Brasil? Jorge Arbache aponta alguns caminhos. A economia brasileira precisa de eficiência, que será possível através da implementação de reformas regulatórias. Precisa também de uma “agenda de infraestrutura”, ou seja, do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), de Parcerias Público-Privadas, de privatizações. De acordo com Arbache, é importante proceder à industrialização das vantagens comparativas primárias na agricultura, nas explorações mineiras, nas energias renováveis. O aumento da classe média pode garantir a continuação do crescimento do sector dos serviços e o mercado regional (MERCOSUL) pode ser um importante trunfo brasileiro.



### Riscos

O Brasil sabe o que é preciso ser feito para voltar à sua condição de economia emergente. Mas existem riscos que podem dificultar esse processo. Do ponto de vista interno, o atraso/adiamento das reformas devido ao perfil fragmentado do Congresso assume-se como o maior de todos os riscos. Do ponto de vista externo, Dilma e o seu Governo terão que ter em conta a desaceleração económica da China, bem como o baixo crescimento económico do Japão e da Europa. É importante ter em atenção também a política monetária dos EUA, que deverá sofrer alterações substanciais em 2015. Num plano mais global, o Brasil confronta-se com desequilíbrios macroglobais, políticas protecionistas de alguns mercados desenvolvidos e assimetrias de políticas comerciais. Importa também não descurar o papel

que as alterações climáticas poderão desempenhar. O Brasil enfrenta vários desafios, que terá que ultrapassar de forma estrutural, por forma a emergir de novo na cena internacional.

### Comentário de Alfredo Valladão

Alfredo Valladão foi convidado a traçar alguns contributos na mesa redonda. Em geral, Valladão concorda com as considerações de Jorge Arbache. Aponta como principal responsável pela atual situação do Brasil a sua preferência pelo mercado interno, num estilo que apelida de “fazendão”, onde se procura a maior autonomia possível face ao exterior, com forte especialização num só produto. Defende que o Brasil tem muito potencial, que o leva a um certo isolamento e conseqüente falta de competitividade. A crise de 2008, segundo Valladão, pôs a descoberto as limitações do modelo brasileiro e levou à queda do “low hanging fruit”.

Dilma herdou os problemas económicos e financeiros da presidência de Lula da Silva e não foi

capaz, até ao momento, de dar resposta a esses problemas estruturais da economia brasileira, nomeadamente, o facto de a política externa ter sido marginalizada em comparação com o mercado interno. O protecionismo que é sentido no mercado brasileiro é feito essencialmente através do MERCOSUL por um lado e, por outro lado, pelas próprias indústrias europeias que operam no Brasil e que pretendem evitar a competição. No entanto, o sector agrícola brasileiro pretende explorar o seu potencial e pretende uma maior abertura externa pelo que, no Brasil, discute-se atualmente a integração internacional da sua economia.

Valladão defende que Dilma tem que ser eficaz e rápida a resolver os desafios económicos e financeiros. Essa urgência está diretamente relacionada com a insatisfação do povo, nomeadamente da classe média que não tolerará perder as regalias que conquistou. A pressão social no Brasil faz-se sentir cada vez mais e exemplo disso foram as manifestações anti-COPA ocorridas em 2013.



### Debate

As questões colocadas pela audiência prenderam-se, essencialmente, com preocupações sociais e económicas. Na primeira intervenção pretendeu-se perceber qual o impacto social dos desafios que se colocam ao novo mandato de Dilma Rousseff. Jorge Arbache respondeu a essa questão argumentando que o campo social poderá tornar-se um risco pois a nova geração brasileira não conhece, de facto, as dificuldades económicas e financeiras que se avizinham. Arbache defendeu que a taxa de desemprego tenderá a subir em 2015 o que poderá levar a uma repetição das manifestações ocorridas em 2013. No entanto, é difícil que a contestação social coloque em risco a estabilidade política devido em parte ao alargado ciclo de sobrevivência dos políticos brasileiros e também à sua capacidade de estabelecer coligações por forma a lidar com descontentamento social.

Alfredo Valladão foi questionado sobre o que, no seu entender, mudaria se as eleições presidenciais tivessem sido ganhas por Aécio Neves. Valladão entende que Aécio Neves adotaria, possivelmente, políticas sociais e económicas de transição para um modelo mais ortodoxo. De resto, comparativamente com o programa de governo apresentado por Dilma Rousseff, não existem mudanças muito significativas.

Importa ainda referir um comentário feito pela assembleia sobre os vários modelos de desenvolvimento do Brasil, apontando o Brasil como líder reconhecido em matéria de economia social e *ecovillage* sendo, no entanto, tal papel menosprezado pelos políticos. Que abertura poderá vir a existir por forma a inserir estes dois modelos no desenvolvimento brasileiro? Sobre esta questão, Jorge Arbache fez questão de frisar que embora o Brasil seja líder nesses dois modelos, os mesmos são financiados com dinheiro público e, dessa forma, estão intimamente ligados às finanças públicas e a quem governa o Brasil.





## 2. NOTA BIOGRÁFICA

### Sobre o orador



**Jorge Arbache** é professor da Universidade de Brasília. Doutorado em Economia pela Universidade de Kent, é Pós-Doutorado pelo *World Institute for Development Economics Research* e com uma pós-graduação pela *Kennedy School of Government*.

Foi economista sénior do Banco Mundial, onde dirigiu 5 edições do relatório anual para África. Foi consultor de empresas brasileiras e estrangeiras, governos, inclusive da Ásia e África, da OCDE, do FMI e de bancos – Banco Mundial, BNDES, Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Especialista em economia brasileira, autor de quatro livros e mais de 90 artigos em jornais académicos profissionais. É colunista do jornal *Valor Económico* e do *The BRICS Post* e colaborador ocasional da *Folha de São Paulo*.

### Sobre o orador



**Alfredo Valladão** é, desde 2010, presidente do Conselho Consultivo da Associação EU-Brasil (Bruxelas), dedicada a incentivar negócios e diálogo de decisores político entre o Brasil e as instituições da União Europeia. Como um consultor independente, tem feito um grande número de conferências, cursos de formação e trabalho de consultoria para empresas privadas e instituições internacionais tendo participado em inúmeras audições do Parlamento Europeu.

É membro do Conselho de Curadores do Instituto das Nações Unidas UNITAR, do Comité Científico da Iniciativa para uma Comunidade do Atlântico (Rabat - Marrocos), do Conselho Consultivo da Janus.net *e-journal* de Relações Internacionais (Portugal), do Conselho de *Maison du Brésil - Cité Universitaire* de Paris, e membro do "Grupo de Países Emergentes" do *Institut Montaigne* (França).

## **SOBRE O IMVF**

O Instituto Marquês de Valle Flôr (IMVF) é uma fundação de direito privado e uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD) que realiza ações de ajuda humanitária, de cooperação e educação para o desenvolvimento económico, cultural e social, realiza estudos e trabalhos científicos nos vários domínios do conhecimento, bem como fomenta e divulga a cultura dos países de expressão oficial portuguesa.

## **ABOUT IMVF**

Instituto Marquês de Valle Flôr (IMVF) is a private foundation and a Non-Governmental Development Organization (NGDO) that carries out humanitarian aid and economic, cultural and social development cooperation and education. It also conducts studies and produces scientific papers on several fields of knowledge, and promotes and disseminates the culture of countries whose official language is Portuguese.

**Instituto Marquês de Valle Flôr**  
**Rua de São Nicolau, 105**  
**1100-548 Lisboa**  
**Portugal**  
**Tel.: + 351 213 256 300**  
**Fax: + 351 213 471 904**  
**E-mail: [info@imvf.org](mailto:info@imvf.org)**  
**[www.imvf.org](http://www.imvf.org)**

